

Pra não dizer que não falei das flores: jardins como fator de promoção social em escolas

Not to say that I did not speak of the flowers: gardens as factor of social promotion in schools

Germano Leão Demolin Leite *
Marcus Alvarenga Soares *
Georgino Jorge de Souza Júnior *
Murilo Cássio Xavier Fahel **

Resumo: O trabalho teve o objetivo de avaliar o mundo cultural, os conhecimentos ambientais e o grau de importância que jovens e adolescentes da periferia da cidade de Montes Claros-MG dão à natureza, assim como seus professores. Além disso, procurou-se melhorar a qualidade de vida dessas crianças e adolescentes, através da implantação de jardins, em suas escolas. Mais que comparar percentuais entre o universo de alunos e de professores, ou entre as duas etapas que compreenderam a execução do projeto, buscou-se, grosso modo, neste trabalho, admitir simetrias e assimetrias sociológicas entre algumas das respostas julgadas mais significativas, que serviram, ao final, para embasar futuras discussões acadêmicas.

Palavras-chave: Paisagem, escola pública, recreação, auto-estima

Abstract: The work had the objective to evaluate the cultural world, the ambient knowledge and the degree importance that the adolescent and the youngs of the periphery of Montes Claros- MG have given to the nature as well as the professors. Moreover, improving the quality of life of these children and adolescents through the implantation of gardens in their schools. More than to compare percentages between the universe of pupils and professors, or between the two stages that had understood the execution of the project. In this search, looked for admitting sociological symmetries and assymetries among some of more significant answers, that they will serve the base for future academic quarrels.

Key-words: landscape, public school, recreation, auto-esteem

* Setor de Fitotecnia, Núcleo de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Minas Gerais, Montes Claros-MG, 39.404-006; e-mail: gldleite@nca.ufmg.br

** CCBS / UNIMONTES.

Introdução

Montes Claros, situada no Estado de Minas Gerais, região Sudeste, tem, basicamente, sua formação socioeconômica e histórica aproximada da região Nordeste do Brasil (Souza, 2002). A própria história confirma essas características peculiares dessa região do Estado de Minas Gerais, uma vez que o Norte de Minas já foi parte da capitania da Bahia, pelo que tinha situado a Leste do São Francisco, e parte da capitania de Pernambuco, pelo que tinha situado a Oeste do São Francisco (Guimarães, 2000).

Há, portanto, raízes históricas nessa aproximação do Norte de Minas com a região semi-árida, e não apenas seu clima inóspito e sua ligação com a área da Sudene. Vários historiadores da cidade relatam os graves problemas causados pela seca na região, que possui chuvas em épocas esparsas, e nem sempre essas chuvas vêm nas épocas esperadas, causando secas prolongadas e desastrosas (Paula, 1979). Segundo Paula (1979), a seca na região norte de Minas, onde Montes Claros está inserida, é uma realidade antiga. Desde o século XX, a cidade apresenta-se como pólo que vai receber e dar guarida a vários retirantes da região.

Nos últimos quarenta anos, Montes Claros teve um crescimento demográfico intenso, sendo considerada uma das maiores cidades do Estado e a maior da região onde se localiza, sendo referência até no Sul da Bahia e em outras regiões de Minas Gerais, como o Vale do Jequitinhonha, reconhecida, economicamente, como uma das regiões mais pobres do Estado.

Infelizmente, esse intenso crescimento demográfico é sinônimo do crescimento da periferia da cidade, onde pequenos agricultores e extrativistas, naturais de vilas, distritos e municípios, situados na área de influência de Montes Claros, vêm procurar se estabelecer, impossibilitados de continuar praticando suas atividades econômicas no seu local de origem, por questões políticas, climáticas ou mesmo pela busca de melhores condições de vida para sua família.

O alvo desse estudo não são esses agricultores e extrativistas, conhecidos na região, segundo Guimarães (2000) como “os Geraizeiros” e, sim, seus filhos e netos, nascidos, talvez, já na cidade de Montes Claros, criados em ruas de asfalto, privados do convívio com a natureza, no caso, o bioma Cerrado, que foi fonte de renda para seus pais e avós.

Foram essas crianças e adolescentes que tiveram seu mundo, seus interesses, seus conhecimentos ambientais e seu grau de convívio com a natureza investigados. Receberam uma criação bem diferente da de seus antepassados, que possuíam alto grau de intimidade com as plantas, sabiam como cultivá-las e explorá-las. As pessoas que foram o objeto do nosso estudo cresceram entre automóveis, grandes construções, tecnologia, violência e marginalidade de uma cidade grande e desenvolvida.

Esse fato nos leva a investigar sobre a possibilidade desses jovens terem perdido totalmente o laço que seus antepassados possuíam com a natureza. Os descendentes dos geraizeiros podem ter construído outros valores, outros anseios e outras necessidades. Em outras palavras, esses jovens podem ter substituído a brincadeira de subir em árvores, de catar frutas no mato, de brincar com insetos no quintal, por jogos eletrônicos e por passeios no centro da cidade.

O trabalho teve, assim, o objetivo de avaliar o mundo cultural, os conhecimentos ambientais e o grau de importância que esses jovens e adolescentes da periferia da cidade de Montes Claros dão à natureza. E mais, esse estudo objetivou melhorar a qualidade de vida dessas crianças e adolescentes através da implantação de jardins, em suas escolas, local onde passam a maior parte do dia, e mensurar o quanto essa nossa interferência afetou o cotidiano e a vida escolar desses jovens, possuidores de uma realidade tão diferente de seus antepassados.

Material e métodos

A investigação teve como público-alvo crianças e/ou adolescentes residentes na periferia da cidade de Montes Claros, estudantes de três escolas públicas, duas estaduais e uma municipal. A escolha dos estabelecimentos que ofertavam vagas a tais estudantes baseou-se na procura das próprias escolas pelo trabalho de jardinagem e paisagismo dos graduandos em Agronomia da Universidade Federal de Minas Gerais.

Essas escolas apresentavam como características em comum: serem escolas públicas, gratuitas e estarem situadas na periferia do município de Montes Claros. O público-alvo foi estudantes de 1º e 2º graus, perfazendo um total de 825 alunos que responderam ao questionário da primeira etapa e 650 que responderam ao questionário da 2ª etapa, sendo 43,75 % meninos e 56,25 % meninas. Também foram pesquisadas as opiniões dos

professores dessas escolas, perfazendo um total de 130 professores na primeira etapa e 87 na segunda, sendo 27,27% homens e 72,73% mulheres (Tabela 1).

Como metodologia para a pesquisa, utilizaram-se questionários, instrumento de pesquisa este já testado e convalidado cientificamente por educadores como Antipoff (1930), Campos (1991) e Souza (2002). Foram aplicados ao todo quatro modelos de questionário, dois direcionados às crianças e adolescentes, um antes da implantação dos projetos paisagísticos, procurando levantar o perfil destes alunos e suas expectativas, e o outro, após a implantação, para avaliar o impacto do projeto na vida escolar destes estudantes. Os outros dois questionários foram direcionados aos professores, seguindo a mesma metodologia.

Os questionários foram aplicados nas escolas por um aluno de graduação em agronomia, tendo este o cuidado de não sugerir nada que pudesse direcionar, ou levar os estudantes a condicionarem preferências em função da presença de uma pessoa que lhes era estranha na sala de aula (Antipoff, 1930; Souza, 2002). Após isso, os dados foram submetidos à análise de variância e ao teste de média de Tukey a 5% de significância.

Resultados e discussão

Para que os dados coletados nas tabelas a seguir (Tabelas 1, 2, 3, 4 e 5) pudessem ser também analisados qualitativamente, foram buscadas relações históricas que se aplicassem às seguintes questões contemporâneas: o sistema público do Ensino Fundamental no Brasil de hoje e questões relacionadas com o Belo Estético, com o Lazer e com a Motivação Humana, vistos, distintamente, a seguir.

Mais que comparar percentuais entre o universo de alunos e de professores, ou entre as duas etapas que compreenderam a execução do projeto, buscou-se, a grosso modo, admitir simetrias e assimetrias sociológicas entre algumas das respostas julgadas mais significativas, que servem, ao final, para embasar futuras discussões acadêmicas.

O Sistema Público do Ensino Fundamental no Brasil de Hoje

Este trabalho, como já exposto, limitou-se ao universo de três escolas públicas do ensino fundamental, situadas em bairros periféricos da cidade de Montes Claros.

Diariamente, a mídia brasileira, principalmente através dos noticiários noturnos das televisões, mostra a decadência física das escolas públicas em todo o país. Além do sucateamento provocado pela ação do tempo e da ausência de manutenção por parte das autoridades, essas escolas ainda são pichadas, assaltadas e depredadas por ações de vândalos, quase sempre reunidos em gangues de delinqüentes juvenis. O Estado brasileiro, que deveria não só manter essas escolas públicas, como, também, resguardar tão importante aparelho social, fazendo-se presente na vida daquelas comunidades escolares, ao afastar-se dessas funções complementares, favorece a que escolas públicas, como as três investigadas para este trabalho, tornem-se reféns da comunidade desassistida e desagregada que a circunda, onde muitos alunos se matriculam apenas para garantir uma refeição diária decente. Essas crianças se refugiam nas escolas, local onde elas podem, além de se alimentar, de serem crianças, brincar no pátio com relativa segurança, ou seja, a escola não é apenas um instrumento de repassar conhecimento, e estas desejam que este local seja mais bonito e, assim, passar mais tempo nele (Tabela 2), pois a realidade de suas vidas, fora da escola, é cinza.

Sem querer passar a falsa idéia de que todo pobre é marginal, ou de que todo negro ou mulato – os que não são brancos – enquadram-se como bandidos em potencial, fica claro aqui que vândalos, gangues e delinqüentes juvenis afloram hoje, de forma considerável, não só nas camadas subalternas da população, como também em suas camadas média e alta, com agressividade crescente, replicando, nos trópicos, tendência pós-moderna e global verificada nas sociedades contemporâneas (Arroyo, 1995).

Apesar dessa realidade e dos programas e verbas oficiais destinadas ao sistema de ensino fundamental do país, tipo Bolsa-Escola, por exemplo, o fato é que a educação escolar pública dirigida às camadas populares, nos últimos 40 anos, experimentou avanços significativos, produzidos quase que exclusivamente pela ação de várias gerações de professores e professoras mal remunerados que, mesmo diante de dificuldades profissionais e operacionais, raramente negligenciaram a importância do seu papel social e da função social da escola (Arroyo, 1995; Faria Filho, 1996).

O interesse em tornar mais belo o seu local de trabalho, através de um projeto de jardinagem e paisagismo conduzido pela UFMG, e a deliberada participação em dar respostas ao questionário aplicado, demonstram o comprometimento dos profissionais

dessas três escolas, no sentido de darem conta da função social que cumprem, através da escola pública, universal e gratuita.

Se 91,09% dos alunos responderam que gostariam muito que sua escola possuísse um jardim ou que este fosse reformado, os professores, também, com 100% de adesão, afirmaram achar muito importante a presença de plantas e flores em seu ambiente de trabalho. Além disso, sentem a necessidade de aulas quanto à educação ambiental e em estarem em mais contato com a natureza (Tabelas 2 e 3).

A Noção do Belo Estético e do Lazer como Motivação Humana

Autores como Padovani (1993) admitem que a Arte, onde se localiza o Belo Estético, ao lado da Religião e da Filosofia, deveria ser considerada entre as mais altas atividades do espírito humano. O próprio autor admite, também, que não apenas em obras artísticas perfeitas é que o Belo Estético se manifesta. Além da pintura, da escultura, da literatura, da música ou da dança, ele pode manifestar-se de forma espontânea em qualquer tipo de gesto humano, seja ele um sorriso, um timbre vocal perfeito, ou pode se revelar num quintal bem varrido e cuidado e, até mesmo, num projeto acadêmico de paisagismo e jardinagem produzido por um curso de Agronomia patrocinado pela UFMG ao Norte de Minas Gerais. A função da engenharia agrônoma, neste caso, deixaria de limitar-se apenas à ciência da produção quantificada de alimentos para contribuir, em termos sociológicos, para o embelezamento de espaços públicos situados em regiões periféricas de uma cidade de porte médio, caso das três escolas investigadas neste trabalho.

A intervenção estética proposta no projeto inicial buscava, também, oportunizar espaço para que o Lazer, nas suas múltiplas faces, principalmente quanto à Recreação, se efetivasse no âmbito das três escolas públicas investigadas. Historicamente, aqueles estabelecimentos educacionais sempre foram marcados pelas pichações, pelo descaso do Estado e pela baixa estima dos seus alunos, professores e funcionários. Observa-se, na segunda fase, uma motivação tanto do aluno quanto dos profissionais da educação em preservar os jardins por eles mesmos plantados e cultivados (Tabelas 4 e 5). A prova está em que 96,67% dos professores consideram que a implantação do melhoramento tornou suas horas na escola mais agradáveis, enquanto 84,88% dos alunos admitem que passariam mais tempo na escola, se nela existisse uma área mais bonita, com plantas e flores (Tabelas 2 e 5).

Motivados pelo projeto – “eu plantei aquela roseira!..” – “eu podei aquele galho!..” – “eu reguei aquele gramado!” – e tendo aquele espaço paisagístico como coisa sua (Tabela 2), como construção de sua identidade pessoal e grupal, passando a freqüentar quase 50 % a mais o jardim por este ter-se tornado mais agradável (Tabelas 4 e 5), o fato concreto é que, em ambos os universos pesquisados, verifica-se concordância de que a auto-estima e a motivação podem nascer e florescer na alma dos integrantes daquelas comunidades, graças a projetos extra-classe que provoquem solidariedade grupal, como o de paisagismo e jardinagem conduzido pela UFMG.

Conclusões

A omissão do Estado brasileiro, em relação à educação pública e à miséria que circunda escolas periféricas em todo país, é fenômeno que se agrava nos últimos trinta anos. Apesar da ineficiência estatal em relação a tão graves questões sociais, bandeiras eleitorais como dignidade, auto-estima, motivação, esperança, trabalho e salário para as populações subalternas conseguiram eleger os últimos três presidentes da República.

Prometer dignidade e valorização às populações periféricas, uma dignidade e uma valorização visíveis minimamente, nem que seja num jardim de escola – e, depois, não realizar esse jardim, nem limpar as pichações daquele prédio sucateado – pode potencializar a revolta, a baixa estima, a desmotivação de alunos que anseiam pela ação efetiva do Estado. Também pode provocar efeitos idênticos em profissionais da Educação que, como se sabe, são historicamente mal-remunerados.

A ineficiência do Poder Público em garantir educação de qualidade para todos atinge não apenas o sistema público do Ensino Fundamental, como também as próprias Universidades Públicas. Projetos como este, de paisagismo e jardinagem, ficam cada vez mais ameaçados pela escassez de recursos orçamentários destinados às universidades. O raio de ação dessas instituições superiores, no tocante à Extensão, diminui consideravelmente, a cada dia que passa.

Este projeto de paisagismo e jardinagem possibilita compreender que, se o momento histórico exige rever estratégias e requalificar movimentos em favor de uma educação pública de qualidade, isto é missão que não interessa apenas aos especialistas em Educação, ou aos profissionais das Ciências Agrárias.

Compreender os significados sociocultural e político da ação de um projeto como este é também analisar o lazer e o belo estético como direitos sociais. É um espaço para a luta contra a exploração e a alienação dos sujeitos, procurando desenvolver a consciência reflexiva que se apóia não só numa realidade concreta, mas, principalmente, na esperança de atuar sobre ela em busca de democratização social e de diversidade cultural.

Para que os descendentes dos “geraizeiros” que vivem hoje em Montes Claros, em meio a automóveis, à fuligem e ao asfalto, possam aprender a subir em árvores, catar frutos nos matos e brincar com insetos nos quintais – toda essa coisa meio perdida, apenas percebida na conversa dos pais e avós – um projeto acadêmico de paisagismo e jardinagem não basta. É preciso muito mais, principalmente uma ênfase especial em Educação Ambiental, em práticas ecológicas, em novos investimentos pedagógicos, a cargo do Estado.

Se um simples projeto acadêmico não basta, pelo menos pode ele possibilitar a redescoberta de uma identidade cultural perdida e o religamento de milhares de jovens com o seu bioma, com a Natureza do cerrado e com as questões planetárias, de uma forma geral.

Agradecimentos

Aos alunos da primeira e segunda turma de engenharia agrônômica e a Pró-reitoria de Extensão da UFMG, aos alunos e professores das escolas envolvidas e as empresas ou pessoas que auxiliaram, de alguma forma, nas implantações dos projetos de paisagismo nestas escolas.

Referências bibliográficas

ANTIPOFF, H. Ideais e interesses das crianças de Belo Horizonte e algumas sugestões pedagógicas. Boletim 6. Secretaria de Educação e Saúde Pública de Minas Gerais, 1930. 102p.

ARROYO, M. Escola Fronteira Ameaçada dos Direitos. Caxambu, XVIII Reunião Anual da ANDEd, 1995. 160p.

CAMPOS, R.H.F. Contexto sócio-cultural e tendências da pedagogia psicanalítica na Europa Central e no Brasil. 1991. Tese apresentada ao Concurso Público para professor titular na área de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte. 120p.

FARIA FILHO, L.M. – Cadernos do CEAj nº 162, março/ abril, 1996. 80p.

GUIMARÃES, P.W. *Cerrado em desenvolvimento: tradição e atualidade*. P. 19 a 45, In IV Encontro nacional da Rede Cerrado de Organizações não Governamentais. (Eds. Luz, C. ; Dayrell, C. Montes Claros-MG, 2000. 309p.

PADOVANI, U. *História da Filosofia*. São. Paulo: Melhoramentos Editora, 1993. 587p.

PAULA, H.A.. *Montes Claros – sua história, sua gente, seus costumes*. Belo Horizonte: Minas Gráfica Editora Ltda. 1979. 285p.

SOUZA, M.C.M. A contemporaneidade de Helena Antipoff na fala dos meninos e meninas do Sertão. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado de UFMG para obtenção do título de mestre em educação. 2002. Pg 53 a 104. 180p.

Tabela 1

Características gerais dos alunos e professores entrevistados, em porcentagem

Alunos (meninos: 43,75 e meninas: 56,25)					
Idade					
Até 8 anos: 12,50	9 a 10 anos: 12,50	10 a 12 anos: 25,00	12 a 14 anos: 25,00	Mais de 14 anos: 25,00	
Grau de escolaridade					
Médio incompleto: 15,92	Médio: 4,58	Fundamental incompleto: 59,72	Fundamental completo: 17,43	Não respondeu: 2,36	
Professores (homens: 27,27 e mulheres: 72,73)					
Idade					
20 a 30 anos: 9,09	30 a 40 anos: 45,46	Mais de 40 anos: 36,36		Não respondeu: 9,09	
Grau de escolaridade					
2º grau: 18,80	Superior incompleto: 26,36	Superior: 35,15	Especialista: 19,70	Mestrado: 0,00	

Tabela 2

Resultado da pesquisa de opinião com os alunos, em porcentagem, antes da implantação dos projetos de paisagismo

1) você gosta de estudar nesta escola?

Gosto muito: 83,34 A Gosta pouco: 14,07 B Não gosta: 1,59 B Não sabe: 0,43 B Não respondeu: 0,57 B

2) O que você acha do espaço de lazer disponível na sua escola?

Péssimo: 3,90 B Ruim: 4,66 B Regular: 22,33 AB Bom: 43,57 A Ótimo: 28,72 AB Não sabe: 0,37 B Não respondeu: 0,37 B

3) Você gostaria que sua escola possuísse um jardim ou este fosse reformado?

Gostaria muito: 91,09 A Gostaria pouco: 5,78 B Não gostaria: 1,26 B Não sabe: 1,88 B Não respondeu: 0,00 B

4) Se sua escola possuísse um jardim, você ficaria lá durante os intervalos das aulas?

Muito: 55,88 A Pouco: 35,38 AB Nada: 3,32 C Não sabe: 6,41 BC Não respondeu: 0,00 C

5) Você gostaria de passar mais tempo na escola se nela existisse uma área de lazer mais bonita, com plantas e flores?

Muito: 84,56 A Pouco: 10,98 B Nada: 2,36 B Não sabe: 0,96 B Não respondeu: 0,69 B

6) Quando está de férias, você procura fazer passeios em ambientes arborizados como parques ou matas?

Sempre: 48,44 A Frequentemente: 28,18 AB Raramente: 16,45 B Nunca: 5,67 B Não respondeu: 1,26 B

7) Você já estudou educação ambiental?

Muito: 22,43 AB Pouco: 49,59 A Nada: 25,56 AB Não sabe: 0,54 B Não respondeu: 1,89 B

8) Você gostaria de estudar sobre as plantas e aprender a cultivá-las?

Muito: 85,75 A Pouco: 11,29 B Nada: 1,16 B Não sabe: 1,81 B Não respondeu: 0,00 B

9) Qual planta de jardim você conhece?

Rosa	Margarida	Pingo de ouro	Orquidea	Samanbaia	Girassol	Jasmim
60,95 A	47,03 AB	28,22 BC	3,60 C	13,06 C	20,65 BC	4,14 C

10) Você gostaria de participar ativamente na elaboração e implantação de um projeto paisagístico na sua escola?

Muito: 86,92 A Pouco: 7,65 Nada: 2,29 B Não sabe: 1,51 B Não respondeu: 1,37 B

As médias seguidas pela mesma letra maiúscula na linha não diferem, entre si, pelo teste de Tukey a 1% de significância.

Tabela 3

Resultado da pesquisa de opinião com os professores, em percentagem, antes da implantação dos projetos de paisagismo

1) Você acha que o espaço físico de sua escola necessita de melhorias?

Sim: 100,00 A Não: 0,00 B Não sabe: 0,00 B Não respondeu: 0,00 B

2) Como você avalia o espaço de lazer disponível na sua escola?

Péssimo: 0,00 B Ruim: 16,67 AB Regular: 49,39 A Bom: 24,55 AB Ótimo: 9,39 AB

3) Na sua opinião, um ambiente mais agradável da escola ajudaria no aprendizado dos alunos?

Muito: 89,39 A Pouco: 10,61 B Nada: 0,00 B Não sabe: 0,00 B Não respondeu: 0,00 B

4) Se sua escola já possuísse um projeto paisagístico, seria mais fácil manter os alunos por mais tempo na escola?

Muito: 87,58 A Pouco: 3,33 B Nada: 0,00 B Não sabe: 9,09 B Não respondeu: 0,00 B

5) Como educador, um projeto paisagístico implantado na escola teria importância didática na formação de seus alunos:

Muita importância:	Pouca importância:	Não teria importância:	Não sabe:	Não respondeu:
100,00 A	0,00 B	0,00 B	0,00 B	0,00 B

6) Você acha importante a presença de plantas e de flores em seu ambiente de trabalho?

Muito importância:	Pouca importância:	Não teria importância:	Não sabe:	Não respondeu:
100,00 A	0,00 B	0,00 B	0,00 B	0,00 B

7) Você costuma dedicar algum tempo ao cultivo de plantas em sua residência?

Sim: 98,48% A Não: 1,52 B Não sabe: 0,00 B Não respondeu: 0,00 B

8) Quanto tempo por semana você se dedica ao cultivo de plantas em sua residência?

½ a 1 hora:	1 a 2 horas:	2 a 3 horas:	Mais de 3 horas:	Não sabe:	Não respondeu:
43,33 A	21,52 A	12,12 A	10,60 A	10,91 A	1,52 A

9) Você tem alguma sugestão de planta ornamental que gostaria que estivesse presente no jardim de sua escola?

Rosa 55,76 A	Margarida 34,24 AB	Pingo de ouro 10,91 AB	Orquídea 0,00 B	Samanbaia 10,91 AB	Girassol 13,67 AB	Jasmim 3,33 B
-----------------	-----------------------	---------------------------	--------------------	-----------------------	----------------------	------------------

10) No seu tempo livre, você procura fazer passeios em lugares arborizados como parques ou matas?

Sempre: 27,88 AB Frequentemente: 52,12 Raramente: 20,00 AB Nunca: 0,00 B Não respondeu: 0,00 B

11) Você gostaria de participar ativamente na elaboração e implantação de um projeto paisagístico na sua escola?

Muito: 81,21 A Pouco: 17,27 B Nada: 0,00 B Não sabe: 1,52 B Não respondeu: 0,00 B

As médias seguidas pela mesma letra maiúscula na linha não diferem, entre si, pelo teste de Tukey a 1% de significância.

Tabela 4

Resultado da pesquisa de opinião com os alunos, em percentagem, após a implantação dos projetos de paisagismo

1) Como você avalia a implantação do jardim que foi realizada em sua escola?

Gostou muito: 69,39 A	Gostou pouco: 22,29 B	Não gostou: 4,96 B	Não sabe: 2,71 B	Não respondeu: 0,65 B
--------------------------	--------------------------	-----------------------	---------------------	--------------------------

2) Você passou a frequentar mais a área onde foi implantado o jardim durante os intervalos de aula?

Sempre: 47,16 A	Frequentemente: 0,04 AB	Raramente: 25,09 AB	Nunca: 7,12 B	Não respondeu: 0,59 B
--------------------	----------------------------	------------------------	------------------	--------------------------

3) A implantação do jardim em sua escola, tornou suas horas nesta, mais agradáveis?

Muito: 47,84 A	Pouco: 35,07 A	Nada: 19,13 AB	Não sabe: 0,74 B	Não respondeu: 1,31 B
----------------	----------------	----------------	------------------	-----------------------

4) O que você acha hoje, do espaço de lazer disponível na sua escola?

Melhorou 57,22 A	muito: Melhorou 27,74 AB	pouco: Não melhorou 11,93 B	nada: Não sabe: 1,65 B	Não respondeu: 1,94 B
---------------------	-----------------------------	--------------------------------	---------------------------	--------------------------

As médias seguidas pela mesma letra maiúscula na linha não diferem, entre si, pelo teste de Tukey a 1% de significância.

Tabela 5

Resultado da pesquisa de opinião com os professores, em percentagem, após a implantação dos projetos de paisagismo

1) Como você avalia a implantação do jardim que foi realizada em sua escola?

Gostou muito: 100,00 A	Gostou pouco: 0,00 B	Não gostou: 0,00 B	Não sabe: 0,00 B	Não respondeu: 0,00 B
---------------------------	-------------------------	-----------------------	---------------------	--------------------------

2) Você passou a frequentar mais a área onde foi implantado o jardim durante os intervalos de aula?

Sempre: 62,78 A	Frequentemente: 5,00 AB	Raramente: 6,67 B	Nunca: 5,56 B	Não respondeu: 0,00 B
--------------------	----------------------------	----------------------	------------------	--------------------------

3) A implantação do jardim em sua escola, tornou suas horas nesta, mais agradáveis?

Muito: 96,67 A	Pouco: 3,33 B	Nada: 0,00 B	Não sabe: 0,00 B	Não respondeu: 0,00 B
----------------	---------------	--------------	------------------	-----------------------

4) O que você acha hoje, do espaço de lazer disponível na sua escola?

Melhorou 88,33 A	muito: Melhorou 11,67 B	pouco: Não melhorou 0,00 B	nada: Não sabe: 0,00 B	Não respondeu: 0,00 B
---------------------	----------------------------	-------------------------------	---------------------------	--------------------------

As médias seguidas pela mesma letra maiúscula na linha não diferem, entre si, pelo teste de Tukey a 1% de significância.